

**“PARENTESCO ENTRE SER HUMANO E LOCALIDADE”:
ANCESTRALIDADE E LUGAR NA LITERATURA DE SALEM**

**“A KINDRED BETWEEN THE HUMAN BEING AND THE LOCALITY”:
ANCESTRY AND PLACE IN ‘SALEM LITERATURE’**

Clara Reiring¹

RESUMO

Salem, localização dos únicos julgamentos de bruxaria organizados nos Estados Unidos, é um dos espaços mais recorrentes no âmbito da literatura americana. Este artigo discute a temática das conexões genealógicas existentes entre os autores-narradores e pessoas envolvidas nos julgamentos de bruxas em obras que vão desde *The House of the Seven Gables* de Hawthorne (1851) até obras contemporâneas como o livro de *The Physick Book of Deliverance Dane*, de Katherine Howe (2009).

Palavras-chave: Hawthorne; Salem; Ancestralidade e Lugar; Literatura de Salem; Katherine Howe

ABSTRACT

Salem, location of the only organized witch trials in the United States, is one of the most frequently used settings in American literature. This paper discusses the motif of genealogical connections to people involved in the witch trials in works from Hawthorne's *The House of the Seven Gables* (1851) to contemporary works such as Katherine Howe's *The Physick Book of Deliverance Dane* (2009).

Keywords: Hawthorne; Salem; Ancestry and Place; Salem literature, Katherine Howe

consanguinidade ("sangue") é o equivalente funcional de proximidade geográfica ("lugar") em termos da forma como construímos mentalmente uma "conexão natural". (Zerubavel, 2003, 56)

Poucos lugares nos Estados Unidos são sinónimo de um determinado evento histórico como é Salem, Massachusetts, local onde ocorreram os únicos julgamentos organizados de bruxas na história americana. Neste artigo, analiso as interconexões de ancestralidade e lugar em três obras, as quais designo como "literatura de Salem", composto por um *corpus* de mais de 50 obras ficcionais, as quais discutem a história e a espacialidade de Salem.

Os primeiros capítulos do Antigo Testamento já estão repletos das genealogias dos antepassados bíblicos, destacando a importância das conexões ancestrais ao longo de várias gerações. Nas últimas décadas, a pesquisa genealógica tornou-se um fenómeno caracteristicamente americano, historicamente motivado pela história singular da população dos Estados Unidos. O

¹ Aluna de Doutorado e bolsista na a.r.t.e.s. Graduate School de Colónia, Universidade de Colónia, Alemanha. Email: creiring@smail.uni-koeln.de

rastreamento de ancestralidade genética “está a ser utilizado para decidir problemáticas respeitantes a identidade étnica, política, familiar e religiosa” (Elliot e Brodwin, 1469).

Ser descendente de uma das pessoas envolvidas nos Julgamentos das Bruxas de Salem é, portanto, um achado particularmente interessante na linha genealógica de alguém, e um motivo proeminente na literatura. A relação de Nathaniel Hawthorne com John Hathorne, o notório juiz dos julgamentos de bruxas, e a conseqüente alteração do nome do autor (de Hathorne para Hawthorne) e a sua obsessão, que durou toda uma vida, com os seus antepassados puritanos, é conhecida por todos quantos se preocupam com a sua vida e obra. Em “The Custom House”, Hawthorne aborda a impossibilidade de se alhear do passado contestado dos seus antepassados e da sua relação com *o lugar*.

Apesar de ele ser “mais feliz em outro lugar” (*The Scarlet Letter*, 8) e do seu desejo de que os seus filhos se fixem em outros lugares, “essa longa conexão de uma família com um ponto [...] cria uma ligação entre o ser humano e a localidade”, porque “o feitiço sobrevive” e ele sente que foi seu “destino fazer de Salem [sua] casa”. (11) E no seu único “romance de Salem”, (1851), *The House of the Seven Gables*, toda a ação respeitante ao século XIX é baseada numa rivalidade ancestral que remonta à Salem de 1692.

O primeiro capítulo apresenta ao leitor a genealogia das famílias Pyncheon e Maule, começando com a luta de terras do coronel Pyncheon e Matthew Maule, o que resulta na acusação de feitiçaria, por parte de Pyncheon relativamente a Maule, em 1692 e conseqüente execução de Maule, que lança, desde logo, uma maldição a Pyncheon: “Deus dará [a Pyncheon] sangue para beber!” (8) - a primeira de muitas reproduções, em ficção, do comentário de Sarah Good durante a sua execução. Pyncheon constrói então a sua casa na “sepultura inquieta” de Maule, (9) sendo o arquiteto, Tomás, por ironia, filho de Maule. No entanto, Pyncheon é encontrado morto no dia da comemoração inaugural, supostamente devido a um ataque cardíaco, evocando porém, a maldição de Maule.

O leitor toma então conhecimento de que até aquele dia, “uma ilusão absurda de importância familiar” tem caracterizado os Pyncheons, (19) enquanto

os Maules eram “uma raça de pessoas silenciosa, honesta e bem-intencionada”, (25) mas pobres e infelizes, apesar do seu árduo trabalho, acreditando-se serem ainda dotados de poderes sobrenaturais. A velha maldição tornou-se “parte da herança dos Pyncheon”, (21) e tem havido mortes misteriosas na família. Além disso, os descendentes de Pyncheon do século XIX retratados são estranhos uns aos outros. Ao contrário de sua prima Jaffrey, Hepzibah vive isolada da comunidade com “orgulho ferido” (245) e é forçada a abrir um estabelecimento com produtos muito económicos devido à sua pobreza. Ela sofre com a história da família que pesa sobre a casa, simbolizada fundamentalmente através do enorme retrato do coronel Pyncheon, mas que ela se sente incapaz de remover da parede, para assim abandonar um passado de maldição. Seu irmão Clifford foi injustamente culpabilizado por Jaffrey e consequentemente preso. Ele retorna para casa depois de uma pena de 30 anos, de acordo com a narrativa, despedaçado por tal experiência.

A história da família é inseparável não apenas de Salem, mas também da espacialidade de *The House of the Seven Gables*, a qual, sendo baseada num motivo com longa tradição no âmbito da literatura gótica, o da *casa assombrada*, foi marcada pela feia história da sua construção. Até mesmo a natureza, originalmente edénica, foi destruída pela culpa e tristeza ancestral que esta absorveu. E enquanto a jovem prima plebeia de Hepzibah, Phoebe, revive o espaço e seus habitantes - e, portanto, age de acordo com seu nome revelador, que se traduz em *brilho* – duas etapas terão de ser percorridas, até que a família possa libertar-se da espacialidade amaldiçoada.

A primeira é a morte de Jaffrey Pyncheon, que serve como um duplo / reencarnação do Coronel devido à estranha semelhança física de ambos, ao seu *status social* e reputação, e à sua natureza gananciosa e maligna, por outro lado. Assim como o Coronel foi responsável pela morte de Maule devido à sua ganância, também Jaffrey mentiu deliberadamente ao acusar Clifford do assassinato de seu pai, com a mesma intenção. Ele herdou ilegalmente o dinheiro de seu tio antes que pudesse entregar a *House of the Seven Gables* a um descendente de Maule como reparação. No presente, pressiona Clifford no sentido de que este lhe revele a razão da misteriosa reivindicação de terras da família, ameaçando declará-lo louco e mandá-lo para um asilo. Porém, antes de concretizar o seu plano, Jaffrey morre repentinamente da mesma forma que o

seu antepassado: na velha poltrona, com sangue no colarinho, mais uma vez enfatizando a quase sobrenatural conexão ancestral.

Não obstante os irmãos abandonem a casa temporariamente, é só depois de Phoebe e Holgrave encetarem o noivado que podem deixar Salem para sempre. O misterioso inquilino Holgrave, com o seu estilo de vida aventureiro e filosofia revolucionária - ele opta por um distanciamento de humanos e lugares - em forte contraste com Hepzibah e Clifford, o que não surpreende quando se descobre ser ele o descendente há muito desaparecido de Matthew Maule. Através do seu casamento com Phoebe, a antiga contenda é superada e os Pyncheons "despedem-se definitivamente da morada dos seus antepassados" (318) - Holgrave concorda mesmo em se instalar no novo lugar com os Pyncheons. Adequadamente, as imagens do jardim do Éden são aqui retomadas: o casal "transfigurou a terra, e tornou-a Éden novamente, e eles próprios os dois primeiros habitantes nela (... e eles próprios os seus dois primeiros habitantes)" (307) Como prenunciado no início do romance, o retrato do velho Pyncheon é removido, dado que evoca a luta pela terra subjacente, simbolizando pois o fim do lado maligno da família. A redenção do passado parece assim aproximar-se.

Embora o romance para jovens adultos de Adriana Mather, *How to Hang a Witch* (2016), não seja aclamado pela crítica, por não ter profundidade retórica e narratológica, e os seus personagens usarem muitos clichês do domínio da ficção para jovens adultos, serve como uma comparação interessante com o romance de Hawthorne: Ao mesmo tempo que discute as semelhanças entre uma caça às bruxas histórica e o *bullying* moderno, o romance também se concentra na culpa ancestral - o autor, bem como o protagonista são descendentes de Cotton Mather cujas publicações sobre bruxaria e defesa da 'evidência espectral' ajudaram a estabelecer um tribunal em Salem e influenciaram os julgamentos que ali eram feitos.

O leitor compartilha a visão de Samantha "Sam" Mather, que se muda para Salem para morar na casa herdada de sua falecida avó. Nunca esteve em Salem antes, mas está ciente dos seus laços genealógicos com Cotton Mather, que, em conexão com a espacialidade, definem o foco da ação. Na verdade, a maioria dos colegas de Sam e até mesmo a sua professora não gostam dela desde o primeiro dia de aulas devido à sua ascendência. Como Hepzibah, ela é

tida como um pária social. O principal conflito acontece entre Sam e "os Descendentes", colegas seus cujos antepassados foram enforcados por bruxaria em 1692 e que culpam Sam pelos crimes cometidos contra os seus antepassados, dado que ela está "no lado errado da história" (137). Eles a intimidam – Eles intimidam-na constantemente para a obrigar a sair da cidade e tentam mesmo empregar os seus poderes mágicos "ancestrais" para que tal aconteça. Além disso, mortes misteriosas acontecem na cidade. Sam inicia então a pesquisa (que apropriadamente acontece na antiga casa grande da sua avó) sobre a história da sua família e a queda dos Mathers, que, tendo sido membros altamente respeitados da sociedade colonial, acabam por transportar a infâmia de Cotton Mather.

Ela descobre que a sua própria vida e a dos colegas (e suas famílias) estão ameaçadas por uma antiga maldição: quando pelo menos um descendente de cada uma das famílias principais envolvidas nos julgamentos está presente em Salem, as mortes começam a ocorrer nas famílias. Juntamente com os *Descendentes*, Sam descobre os seus próprios poderes mágicos, os quais lhe permitem comunicar com os seus antepassados. Pedem orientação, no decurso de um ritual realizado na floresta perto de Proctor's Ledge, o local onde ocorreram as execuções. A espacialidade correta é, portanto, necessária para a invocação genealógica. Finalmente, Sam descobre que a iniciadora da maldição foi Ann Putnam, uma das principais "jovens atormentadas" que, depois dos julgamentos, queria vingar-se pela infeliz transformação que a sua vida sofrera posteriormente, e matar todos os descendentes das famílias envolvidas. No entanto, Sam decide: " que não irá, sentar-se confortavelmente e assistir passivamente ao desenrolar dos acontecimentos", (291) ou seja, não iria permitir que pessoas inocentes morressem, e junto com os *Descendentes* – de forma paralela ao romance de Hawthorne - ela consegue reverter a maldição e superar o círculo de destruição e morte. De facto, na última cena, Cotton Mather volta à vida e finalmente pede desculpa pelas suas ações no século XVII:

Durante séculos que temos vindo a fazer as mesmas escolhas que fizemos durante os julgamentos, ferindo e culpando – nos uns aos outros. Não ganhamos poder real ao prejudicar os outros. [...] Durante todos esses anos, achei que conhecia as bruxas melhor do que ninguém. Você pode imaginar a minha surpresa ao constatar que existia uma na minha própria família. Não o ser miserável que os meus livros me ensinaram um dia a reconhecer, mas uma jovem adorável. (342)

Tal como *The House of the Seven Gables*, o romance termina com uma perspectiva positiva sobre o futuro e mostra personagens que agem de maneira surpreendentemente diferente, quando comparados com os seus infames antepassados. No entanto, note-se que, ao contrário das personagens de Hawthorne, Sam não abandona Salem, conseguindo reabilitar aquele espaço. Adriana Mather utiliza a literatura para apresentar o pedido de desculpas do seu antepassado que - diferentemente do caso de Ann Putnam² - nunca aconteceu na vida real, encerrando este capítulo difícil da história da família, mas também advertindo sobre eventos similares no presente.

A literatura contemporânea de Salem é, no entanto, dominada por descendentes das vítimas de Salem: Katherine Howe, Brunonia Barry, Kathleen Kent e Kathleen Benner Duple discutem as suas conexões genealógicas nas suas obras de ficção. Devido à brevidade deste artigo, vou restringir-me a Katherine Howe, que é descendente de Elizabeth Howe, enforcada em 19 de julho de 1692. Cito Zerubavel mais uma vez:

Também a cultura desempenha um papel crítico na forma como teorizamos e medimos o parentesco genealógico. Não só a lógica inequivocamente social de se considerar tal parentesco é bastante distinta da realidade biológica que supostamente reflete, como também muitas vezes se lhe sobrepõe, como acontece quando alguns antepassados obviamente contam mais do que outros na forma como determinamos parentesco e etnia. Parentesco, portanto, não é um dado biológico, mas uma construção social. (2012, 9)

A ação do romance de estreia de Howe, *The Physick Book of Deliverance Dane* (2009) decorre em 1991 e conta a história de Constance 'Connie' Goodwin, que recentemente obteve aprovação no seu exame de qualificação para o doutoramento em história colonial em Harvard e procura uma temática sobre a qual dissertar, tendo-lhe sido aconselhada a “[procura] ativa de novas fontes de base”. (21) No entanto, durante o verão, a mãe de Connie, Grace, também pede que ela limpe e venda a casa de da sua falecida avó em Marblehead devido a questões legais. A casa está abandonada há mais de 20 anos e, quando ela vai para lá, perscruta na casa algo de “privado e secreto” (39). Mais uma vez, uma antiga casa serve como o local principal³, e acaba por proporcionar a Connie não

² Em 1706, Ann Putnam publicamente pediu desculpas pelas ações que praticara em 1692. Mather apresenta, de forma excessivamente livre, a sua biografia.

³ No que respeita aos paralelismos entre os romances de Howe e de Mather, devem tomar-se em consideração as respetivas datas de publicação, respetivamente (2009, 2016).

apenas a fonte para a sua dissertação, mas também uma impressionante história familiar. Connie encontra uma chave com o nome Deliverance Dane num pergaminho na Bíblia antiga de sua avó e descobre que Dane era uma "bruxa"

acusada que foi excomungada e enforcada em 1692, mas depois foi "quase completamente removida do registo histórico". (92)

A história da família de Dane constitui uma narrativa paralela à história de Connie. Enquanto a Deliverance Dane, real e histórica, foi de facto presa em 1692, a Dane ficcional foi libertada sob fiança. Howe relata até certo ponto livremente a sua biografia: ela é conhecida em Salem como uma "mulher astuta" devido aos seus poderes de cura, feitiços que ela compilou no seu "livro de fisioterapia". O romance começa em 1681, com a visita de Dane a um residente local para curar a sua filha de uma doença desconhecida, mas a menina morre e, conseqüentemente, em grande parte Dane é culpabilizada e ostracizada pela população da vila. Além disso, ela perde o seu marido Nathaniel num acidente, tornando-se assim uma mãe solteira e, portanto, uma exceção às normas sociais. Em 1692, o seu nome faz parte do elenco de acusados e ela é presa e depois enforcada. O romance sugere que particularmente as mulheres que estavam "a tentar assumir demasiado poder" (84) eram provavelmente vítimas da sociedade puritana patriarcal.

O leitor segue então as próximas três gerações de mulheres, sendo que todas herdaram os poderes de cura e fazem uso do livro de *Liberation*. No entanto, todas elas cedo perdem também os seus maridos, e assim, em 1760, a neta de Dane vende o livro, acreditando que ele traz má sorte. Embora a localização atual do livro seja desconhecida, Connie descobre ser ela própria detentora de poderes, na forma de visões e habilidades de cura, apesar de inicialmente estar firmemente enraizada no pensamento académico e ser altamente cética quanto à eventualidade da magia efetivamente existir. Pouco mais tarde, torna-se imprescindível a descoberta do livro, dado que o seu namorado, Sam, corre perigo de vida após um acidente.

É neste ponto, também, que Connie se apercebe que Deliverance Dane não é apenas uma pessoa histórica que ela pesquisa, mas também uma antepassada sua e ela torna – se assim parte de “uma genealogia que era inegável.” (292) Tudo se encaixa: os potes cheios de ervas, xaropes e pós na

casa de sua avó, e as práticas “Nova Era” da sua mãe, que envolviam curas energéticas e limpezas de aura. Connie percebe também que a situação perigosa de Sam se enquadra numa longa tradição - tanto o seu pai quanto o seu avô morreram jovens. Eventualmente (Por fim), Connie descobre o livro e encontra um feitiço para reverter os surtos e desvendar a origem da força maléfica. Ela consegue salvar Sam e assim quebra a maldição de amores perdidos que, ao longo dos séculos, recaía sobre as "mulheres astutas", um paralelo aos romances de Hawthorne e Mather, onde os protagonistas também precisam superar uma maldição que remonta à Salem colonial para libertar as suas famílias.

Toda a experiência faz com que ela reconsidere os julgamentos de bruxas de 1692 e a existência de práticas mágicas na Nova Inglaterra colonial que, no entanto, é retratada como decididamente positiva. Embora nunca seja questionado o facto de as pessoas executadas terem sido vítimas de uma perigosa mistura de circunstâncias infelizes, a descoberta do livro permite a Connie, enquanto estudiosa da história colonial, uma “re-conceção feminista da magia vernacular” (356). O aspeto mais importante é, no entanto, a transformação da própria Connie numa mulher mais forte. Ela melhora o seu relacionamento com a sua mãe através da realização de dos seus dons compartilhados; inicia o primeiro relacionamento feliz na sua vida e consegue mesmo - contrariamente às tradicionais tentativas malogradas - salvar a vida do seu namorado. Além disso, contrastando com o início do romance, onde Connie está ansiosa por obter a aprovação do seu orientador, ela torna – se uma investigadora independente e bem-sucedida por conta própria.

No posfácio do romance, Howe explica que ela também foi "movida pela forma como o passado na Nova Inglaterra ainda assombra o presente" (367). Embora ela pretenda também promover uma re-apreciação da visão prevalecente sobre as mulheres de Salem em termos do seu legado no âmbito do panorama histórico-cultural americano e do uso real de técnicas de adivinhação através de seu romance, em primeiro lugar ela foi impulsionada a estudar a história de Salem devido à sua própria genealogia enquanto esclarece que o “conhecimento do passado pouco convencional dos seus antepassados foi o motor da sua pesquisa em termos de pós-graduação, na âmbito da cultura

americana e que “a sua bruxaria, qualquer que seja a forma como a entendamos, contribuiu para [ela] ser o tipo de pessoa [que é]”. Howe explica ainda:

A genealogia serve um propósito paradoxal: [...] É uma maneira poderosa de se sentir pessoalmente ligado a um período de tempo que, de outra forma, poderia parecer irremediavelmente remoto. Mas [...] quando começamos a direcionar o olhar para dez gerações anteriores à nossa, a noção de “família” abrange, na verdade, vários milhares de pessoas. Nessa altura, a ligação diz menos respeito à família, penso eu, do que à humanidade. Todos têm o direito de sentir uma ligação com as mulheres (e homens) apanhados no Pânico de Salem, pois a história toca em reservatórios profundos de sentimentos sobre comunidade, religião, relacionamentos e espiritualidade ainda vigentes na cultura americana atual. (376)

O que a autora discute é, portanto, o quão importante se revela o conhecimento individual que cada um detém das suas raízes (como refletido em Connie), bem como ao nível nacional. Na memória coletiva dos americanos, "Salem" é, como Katherine Howe explica numa entrevista concedida a Caitlin White, "uma pedrinha no sapato", pois é "um corretivo para esses tipos de mitos que nos são tão caros". Howe acrescenta: “Parte da nossa ideologia assenta na convicção de que somos tolerantes e que abraçamos as diferenças, somos religiosos, somos racionais. Salem realmente nos obriga a lidar com o fato de que esse é um conjunto de ideais vulnerável”. Assim, defendendo que, ao usar a literatura para redimir o passado e fazer das vítimas da história os heróis da ficção, a “literatura de Salem” ajuda a lidar com a 'genealogia nacional'.

Bibliografia

- ELLIOTT, Carl and Paul Brodwin: “Identity and Genetic Ancestry Tracing,” *The British Medical Journal* 325 (Dec. 2002): 1469, doi:10.1136/bmj.325.7378.1469
- HAWTHORNE, Nathaniel: *The Scarlet Letter. The Centenary Edition*. Vol. I, ed. Roy Harvey Pearce et.al. Columbus: Ohio State University Press, 1962 (1850).
- _____. *The House of the Seven Gables. The Centenary Edition*. Vol II, ed. Roy Harvey Pearce et.al. Columbus: Ohio State University Press, 1962 (1851).
- HOWE, Katherine: *The Physick Book of Deliverance Dane* (New York: Hachette, 2009)
- MATHER, Adriana: *How to Hang Witch* (New York: Ember, 2016),
- WHITE, Caitlin: “Katherine Howe, Author of *Conversion*, Talks Witchcraft and the Legacy of Salem,” *Bustle.com*. July 16, 2014, <https://www.bustle.com/articles/29827>.
- ZERUBAVEL, Eviatar: *Ancestors and Relatives. Genealogy, Identity, and Community*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

_____. *Time Maps. Collective Memory and the Social Shape of the Past*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

Recebido em 10/03/2018
Aprovado em 10/04/2018